

TRADIÇÕES DA CONGADA E PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO: A FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DA VILA JOÃO

Cleber de Sousa Carvalho

Docente na Universidade Estadual de Goiás e na Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais na Universidade Federal de Goiás.

¹ As discussões deste texto foram desenvolvidas durante a pesquisa de mestrado que contou com bolsa da FAPEG durante metade do curso, assim como com a concessão de licença parcial para aprimoramento na UEG e SME.



Congada, cultura
popular e processos de
urbanização

Resumo: Este texto apresenta reflexões a respeito dos impactos dos processos de urbanização nas tradições da Congada na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da Vila João Vaz. A festa é um dos momentos em que são manifestadas tradições da Congada, que também se relacionam com antigos modos da vida rural, na cidade de Goiânia. Tais tradições deste grupo pertencem a um sistema cultural que, para além de seus próprios valores, também interage com outras culturas presentes na Vila e na cidade. Os impactos provenientes das relações estabelecidas a partir dessas interações culturais possuem como substrato configurações de sociabilidades decorrentes dos processos de urbanização que se efetivam na cidade. Assim, apesar dos processos de transformação e de renovação intrínsecos às manifestações da cultura popular, abordaremos as interferências do urbano nas tradições da Congada.

CONGADA'S TRADITIONS AND URBANIZATION PROCESSES: THE CELEBRATION HONOR OUR LADY OF THE ROSARY AND SAINT BENEDICT OF THE VILLAGE JOÃO VAZ

Congada, folk culture
and urbanization
processes.

Abstract: This text shows reflections about the impacts of urbanization processes in the traditions of the Congada Festivity in Honor of Our Lady of the Rosary and Saint Benedict of Village João Vaz. The party is one of the moments in which the Congada traditions are manifested associated to old ways of rural life in the Goiania's city. The traditions of this group belong to a cultural system that, more than just its own values, also it interact with other cultures present in the village and in the city. The effects derived from these human relations established based on these cultural interactions posses how substrate, sociability settings resulting from urbanization processes which become available in the city. Thus, although the transformation processes and intrinsic renovation to manifestations of popular culture, we will approach the interferences of the urban in traditions of the Congada.



Envio: 08/08/2018 ◆ Aceite: 14/09/2018

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta reflexões a respeito dos impactos dos processos de urbanização nas tradições da Congada na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da Vila João Vaz¹.

A organização da Festa é responsabilidade da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Vila João Vaz, entidade de caráter jurídico que, juntamente com o Reinado e os Ternos de Congada, dão unidade à comunidade congadeira da Vila a qual realiza vários ritos durante a Festa, configurando-a como um dos momentos em que são manifestadas antigas tradições da Congada na cidade de Goiânia desde a década de 1970.

Esta comunidade compartilha de um sistema cultural que atravessou décadas, transpondo limites geográficos através da migração de famílias do sudeste goiano, principalmente da cidade de Catalão-GO, reconhecida pela expressividade das tradições da Congada no Estado. A migração trouxe, para a cidade de Goiânia, antigas tradições que se estabeleceram na Vila João Vaz, dando origem a uma comunidade congadeira dentro da Vila que realiza seus festejos no mesmo local onde também habitam pessoas que não compartilham de tais tradições.

As tradições deste grupo, fundamentadas por referências do catolicismo e de religiosidades afro-brasileiras, pertencem a um sistema cultural que, para além de seus próprios valores, também interage com outras culturas presentes na Vila e na cidade. Os impactos provenientes das relações estabelecidas a partir dessas interações culturais possuem como substrato, configurações de sociabilidades decorrentes dos processos de urbanização que se efetivam na cidade.

Assim, apesar dos processos de transformação e de renovação intrínsecos às manifestações da cultura popular, diferentes aspectos da Festa são impactados pelas interferências do urbano, as quais serão abordadas neste texto. O ponto central abará reflexões sobre a queima de fogos de artifício, durante a Alvorada, a partir da observação da

¹ As discussões deste texto foram desenvolvidas durante a pesquisa de mestrado que contou com bolsa da FAPPEG durante metade do curso, assim como com a concessão de licença parcial para aprimoramento na UEG e SME.

participação do Terno de Congo Verde e Preto nas edições de 2014 e 2015, da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da Vila João Vaz.

Apesar de se tratar de uma manifestação da cultura que ocorre, geralmente, em contextos urbanizados, ainda que em pequenas cidades do interior do Estado, ou bem próxima destes, os congadeiros narram como alguns procedimentos realizados no passado encontram dificuldades para serem efetivados no atual contexto da festa. Por exemplo, Osório Alves, Capitão do Terno de Congo Verde e Preto² conta como antigamente seu pai, à época residente em uma propriedade rural nas imediações da cidade de Três Ranchos (GO), preparava o couro para a construção das caixas³, deixando por alguns dias as peças mergulhadas nas águas de um ribeirão vizinho à sua residência. Osório Alves ressalta as vantagens da técnica utilizada pelo pai e a impossibilidade de tal procedimento ser realizado na atualidade, sendo necessário que o capitão o faça recorrendo a tambores cheios de água para a preparação do couro, acarretando uma série de incômodos à vizinhança em função do forte odor do material de origem animal.

Candido (2010) afirma que as tradições vinculadas a antigos modos de vida rústica, geralmente oriundas da vida no campo, fazem parte do mesmo sistema de valores das pessoas da cidade. Algumas características deste tipo de cultura caipira foram observadas na Festa da Vila João Vaz, que por sua vez é realizada em um contexto sociocultural urbano.

O termo rústico é empregado aqui não como equivalente de rural, ou de rude, tosco, embora os englobe. Rural exprime, sobretudo localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contato com o aborígine (CANDIDO, 2010, p. 25).

A cultura rústica configura-se em uma forma de expressão de sentidos e significados que desdobra do cotidiano do homem caipira, e tem como estratégia de sobrevivência material e simbólica a valorização da noção de grupo, através da produção de

² Capitão é o cargo da pessoa responsável pela condução das atividades realizadas pelos Ternos de Congada. Cada Terno (grupo) de Congada possui o seu próprio Capitão, geralmente, havendo sucessores denominados como 2º Capitão e 3º Capitão.

³ Instrumento de percussão utilizado pelos congadeiros.

redes de solidariedade que extrapolam os vínculos exclusivamente familiares (CANDIDO, 2010). Alfredo Bosi (1992) auxilia na delimitação do conceito de cultura rústica ao mencionar que a observância do compartilhamento das noções de parentesco, vicinato e pertencimento religioso contribuem para o processo de fortalecimento e localização desta cultura.

Neste sentido, as necessidades produzidas a partir da modernidade colocam a cidade como a principal referência de lugar para se habitar, transformando hábitos e sistemas culturais, que são deslocados pelo êxodo rural em função das mudanças exigidas pela vida moderna. Dentre essas mudanças destacam-se: as reconfigurações do mundo do trabalho; as necessidades de moradia; as formas de comercialização e de acesso a itens básicos da vida como, alimentação e vestuário, produzindo uma rede dependente de fornecedores e consumidores, pautados por princípios de ordem financeira.

Autores como Adorno (1999), Benjamin (1989), Berman (1986), Canclini (2013), Certeau (2013), Ortiz (1988), entre outros, auxiliam nas reflexões sobre as relações entre a modernidade, os processos de urbanização e os sistemas culturais específicos que coabitam a cidade.

OS PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO NAS TRADIÇÕES DA CONGADA

Alguns aspectos históricos do Terno Verde e Preto e da Festa da João Vaz se inter cruzam com elementos da história da cidade de Goiânia. Na época da constituição do Terno, entre os anos de 1972 e 1973, Goiânia completava sua quarta década de existência. Em busca de melhores condições de vida, a migração de famílias catalanas para a Vila João Vaz, coincidia com um movimento cada vez mais intensificado de fluxo de pessoas de regiões economicamente periféricas para os centros urbanos. Numa transição de vidas da cidade do interior para a nova capital em busca melhores salários e qualidade de vida, essa comunidade trouxe, na bagagem, suas crenças, festas e memórias para uma metrópole em desenvolvimento, projetada como signo da modernidade em Goiás (GOMES, CHAUL & BARBOSA, 1994).

Candido (2010) discute sobre os processos de transição de modos de vida vinculados ao rural e ao urbano, comentando sobre a existência de diferentes estratos que se sobrepõem em graus variáveis de mistura, sendo passíveis de serem agrupados em certos padrões. Na sobreposição entre esses estratos, o autor separa três tipos de reações adaptativas, que podem ocorrer em grupos e indivíduos, é comum a ocorrência da: 1) aceitação dos traços impostos e propostos; 2) aceitação apenas dos traços impostos; 3) rejeição de ambos (CANDIDO, 2010).

As formas em que o Terno Verde e Preto e a Irmandade geralmente lidam com a permanência ou transformação das tradições podem ser compreendidas a partir destes tipos de reações, conforme será discutido mais adiante.

(...) estas considerações permitem ver em que medida muitos deles representam verdadeiras técnicas sociais, por cujo intermédio o agrupamento estudado procura sobreviver enquanto tal, indicando a maneira por que os agrupamentos rústicos de vizinhança, em plena crise de equilíbrio biótico e social, tentam preservar a sua identidade, apegando-se a um mínimo de fórmulas tradicionais de ajustamento ao meio e de sociabilidade, entre as que se vão extinguindo, e as novas, que emergem rapidamente (CANDIDO, 2010, p. 251).

Esses modos de vida, decorrentes de um sistema cultural de características caipira e rural, ao fazer parte de uma forma de organização urbana, ao mesmo tempo em que absorve um conjunto de valores da cidade, também possibilitam a manifestação de tradições que podem se configurar como estratégias de resistência e sobrevivência frente os processos de urbanização.

Sem apontar para o enquadramento de condutas e modelos de comportamento, os três tipos de reação propostos por Candido (2010) auxiliam no entendimento desses processos de transição entre os ambientes rural e urbano. Por meio das relações de trabalho estabelecidas na transição da vida rural para a vida urbana, no caso de Osório Alves e de seu pai, Pedro Cassimiro, pode-se compreender uma conduta que se ajusta ao terceiro grupo mencionado por Candido: o dos que rejeitam tanto os padrões impostos quanto os propostos pela vida na cidade.

Por negar-se ao enquadramento dos empregos ofertados pela cidade, onde o acesso aos itens de consumo se estabelece unicamente pela via do comércio e do uso do

dinheiro, Pedro Cassimiro enfrentou as dificuldades da vida urbana. Na cidade moderna, este tipo de comportamento, rompe com o fluxo normativo de sobrevivência urbana, fazendo com que alguns grupos recorram ao fortalecimento das relações comunitárias que passam a ser orientadas por referências de vizinhança, parentesco e mesma religião (CANDIDO, 2010). Nos dizeres de Elvira Almeida Tita, avó de um dos Dançadores do Verde e Preto e pioneira na Vila João Vaz,

A gente não deixava um vizinho passando necessidade não, às vezes faltava um pão, faltava um leite a gente ajudava. Porque não era fácil pra ninguém, e sozinho a gente não conseguia. Muitas vezes a gente reunia pra fazer uma festa na casa de alguém. Todo mundo cozinhava, comprava bebida e levava pra casa da pessoa. Quando a pessoa via já estava chegando à festa com tudo pronto, e a gente ficava até cinco horas da manhã festando. Aqui em casa mesmo, era só um 'barracãozinho' lá no fundo, não era como é hoje, era tudo terra. Aí chovia virava aquele piseiro. Eu não estava nem aí, festava junto com meu marido e meus filhos (Entrevista realizada em setembro/2015).

Formas antigas de socialização se caracterizaram por estruturas mais simples, com rusticidade dos recursos estéticos, cunho coletivo da invenção de certas normas religiosas e obediência a elas. “As atuais manifestavam individualismo e secularização crescentes, desaparecimento inclusive do elemento coreográfico socializador, para ficar o desafio na sua pureza de confronto pessoal (CANDIDO, 2010, p. 11)”.

A maioria dos dançadores do Terno Verde e Preto mora, ou morou, na Vila João Vaz. Os que se mudaram para outras regiões ou cidades ainda possuem parentes que moram na Vila. Em algumas famílias, netos, sobrinhos, pais e avós já completam quatro gerações de dançadores de Congo vivendo na João Vaz. Osório Alves que teve o pai, Pedro Cassimiro, como seu mestre na tradição, além da presença dos filhos, hoje se orgulha dos netos que compõem as filas do Terno. Este tipo de sucessão familiar tem se tornado cada vez menos recorrente nas grandes cidades, que tendem mais à autonomia e à individualização dos sujeitos, do que ao compartilhamento e desenvolvimento de laços de continuidade de saberes e tradições familiares e não familiares. Na cidade grande, ao saírem da casa dos pais, os filhos geralmente buscam sua autonomia, nem sempre continuando a morar próximos aos pais.

Nilton Almeida Junior, Dançador⁴ do Verde e Preto, contrariando esta perspectiva, ressaltou as vantagens de morar próximo aos pais e a outros familiares, destacando a importância da companhia e do apoio dos parentes para o enfrentamento das dificuldades do cotidiano. No caso deste Dançador, outros parentes, como avó, tias, tios e primos também habitam a Vila. Esta situação é recorrente entre outros Dançadores, que, ao participarem dos cortejos do Terno, encontram vários amigos e parentes pelas ruas. Este fato também acontece quando os cortejos são realizados na Festa de Catalão, uma vez que até hoje a cidade abriga vários familiares dos Dançadores do Verde e Preto e dos outros Ternos da Irmandade.

As transformações decorrentes das migrações do campo para os centros urbanos, ou semiurbanos, interferem na configuração da antiga sociabilidade de bairro, não o bairro urbano como referência geográfica das cidades, e sim os bairros de sitiantes, tal como Candido (2010) se refere como um tipo de vizinhança disposta à solidariedade vicinal. Na cidade, antigas sociabilidades, mais comuns na vida rural, acabam sofrendo uma atrofia da vida lúdico-religiosa, que antes possibilitava a experiência de compartilhamento entre pessoas de diferentes famílias, e hoje formam os “blocos familiares”. Os blocos familiares tornaram-se o ponto de apoio, um refúgio aos indivíduos que, na cidade, tiveram suas estruturas de grupo fragilizadas.

Entre os congadeiros da Vila João Vaz percebe-se a formação de blocos familiares, os “Alves”, os “Pintos”, os “Coelhos”, entre outros, contudo, apesar da força interna e das fragilidades que cada um possa ter, existe uma dimensão de compartilhamento e solidariedade vicinal que tem como núcleo convergente a Festa da João Vaz e as cerimônias e os rituais realizados pela Irmandade e os Ternos de Congada.

Outro aspecto em que as relações de vicinato e parentesco contribuem na articulação das culturas rústicas refere-se à comunicação. A comunicação entre os congadeiros do Verde e Preto, assim como da maioria das pessoas que atualmente vivem nas cidades e no campo, geralmente acontece por meio das redes sociais virtuais, contudo, observa-se, também, a efetivação de meios tradicionais de comunicação, como algumas visitas à casa de amigos para tratarem de assuntos referentes à preparação da Festa, entre

⁴ É comum os congadeiros da Vila João Vaz autodenominarem-se como dançadores.

outras questões. A sociabilidade entre as pessoas que ainda compartilham de valores, mais comuns nos antigos bairros de sitiantes, permite tipos de relações cada vez mais incomuns no urbano. Formas de comunicação, nem tão antigas e já quase em desuso, são observadas no cotidiano da organização da Festa da João Vaz, quando pais mandam recados a parentes e amigos, por meio das crianças e dos adolescentes, que vez por outra, correm até a esquina para atender ao pedido dos adultos.

Outra prática comum nesta comunidade congadeira refere-se a alguns cuidados com as pessoas enfermas, os quais se efetivam com as visitas de grupos de amigos aos acamados, com a realização de rezas domiciliares, ou na forma de “intenções” durante a realização de novenas. Durante as novenas que são realizadas na Festa, geralmente há um momento em que as pessoas “fazem intenção” a algum parente ou amigo que esteja passando por problemas de saúde. As intenções, na maioria das vezes, têm como conteúdo questões relativas à cura de enfermidades, podendo se relacionar tanto na forma de pedido quanto de agradecimento. Também podem ser feitas em benefício do próprio solicitante, mas geralmente são destinadas a pessoas que não estão presentes nestas cerimônias.

Aspectos de ordem religiosa encontram-se articulados pelas noções de vicinato e parentesco. As relações estabelecidas nas “intenções” podem ser compreendidas através do conceito de dádiva, de Bakhtin (2013), em que processos de ordem lúdico-religiosa são mediados por trocas simbólicas entre os planos material e espiritual, entre pessoas que compartilham do mesmo código de valores. Assim, as visitas que os Ternos de Congada realizam durante a Festa podem ser entendidas a partir da noção de dádiva. Os Ternos geralmente recebem pedidos de pessoas que desejam ser visitadas pelo grupo. São os Capitães quem decidem quais as casas que serão visitadas, tendo como principal critério de escolha os vínculos da família visitada com a Congada. Assim, as visitas geralmente acontecem às casas de antigos congadeiros, hoje, por algum motivo, impossibilitados de acompanhar os cortejos. Nas visitas, exercendo a função de “carregar” os elementos sagrados do universo espiritual-religioso da Congada, os Ternos são recebidos como portadores de poderes sobrenaturais esperados pelos anfitriões.

A Bandeira do Terno, que nos cortejos é conduzida pelas Bandeirinhas, é a principal representação dos poderes de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito,

padroeiros da Congada. Quando entregue aos anfitriões, estes a conduzem pelos cômodos das casas com o intuito de imantar as bênçãos que podem ser transportadas pelo objeto sagrado. Em retribuição à visita, os congadeiros, que normalmente realizam os cortejos sob o sol escaldante, são servidos com quitandas e refrescos, degustados à sombra dos quintais e calçadas. As relações que são estabelecidas durante as visitas, destoando dos tipos de relações, na maioria das vezes, estabelecidas no urbano, não possuem conteúdo econômico-financeiro, uma vez que se efetivam mais pela mobilização solidária da família dos anfitriões, bem como vizinhos e amigos que, normalmente os auxiliam nos preparativos para a recepção do Terno.

A relação com o tempo é outro aspecto importante a ser observado nesta comunidade. Após a novena que é realizada no mês de agosto, véspera da Festa da João Vaz, que acontece em meados de setembro, o Capitão Osório Alves deu um recado aos congadeiros presentes informando-os sobre a data do primeiro ensaio para a Festa da João Vaz. Ao ser perguntado por um dos Dançadores sobre o horário do ensaio, Osório Alves, ao invés de informar a hora, apenas respondeu que seria no fim do dia. A questão que chama a atenção não é sobre a imprecisão do horário que a expressão “no fim do dia” pode sugerir, já que a variação da hora do anoitecer não é tão significativa de um dia para o outro, exceto nas mudanças decorrentes do horário de verão, e sim, sobre a referência que foi utilizada por Osório Alves. Quando tive a oportunidade de perguntar ao Capitão sobre a expressão que utilizara, referindo-se a uma possível imprecisão no horário, o mesmo respondera que, “quando a gente marca a hora, cada um coloca o relógio numa hora, e aí nunca dá certo. Cada um chega em uma hora [diferente]. Agora, com o sol..., esse não falha. Escureceu já sabe que vai começar...” (Entrevista realizada em setembro/2015).

A preferência, neste caso, para usar o ciclo do sol para o agendamento de um compromisso e não a hora do relógio rompe com a exatidão do tempo e a precisão dos comportamentos, próprios da modernidade e tão imprescindíveis para a vida na cidade. Os compromissos urbanos geralmente são com hora marcada, faça chuva ou faça sol. Na Congada do Terno Verde e Preto há certa maleabilidade nos horários de alguns rituais, até mesmo porque alguns mobilizam grandes multidões, que não cabem no mesmo lugar simultaneamente, por exemplo durante uma cerimônia realizada na capela ou em uma

residência recebendo uma visita, além de diversas situações que, vez por outra, atrasam uma ou outra cerimônia. Situação como esta ocorreu na cerimônia de levantamento do mastro na Festa da João Vaz/2015, quando o padre sofrera um acidente que o impediu de celebrar a missa e acompanhar a procissão.

Enquanto alguns procedimentos da Congada não possuem horário exato para serem realizados, como o levantamento e a descida do mastro, os ensaios do Verde e Preto, as visitas dos Ternos, os momentos do café da manhã e do almoço, a entrega da coroa e as festas para arrecadação, outros são realizados com hora marcada, dentre eles: a Alvorada, as Novenas, Missas e Procissões. Estes últimos, mais vinculados à liturgia da Igreja Católica do que os outros momentos da Festa, são realizados de forma mais rente ao compasso dos ponteiros. Isso não significa que não haja pontualidade, responsabilidade e compromisso nos outros momentos da Festa. Em todos eles há engajamento, contudo, são mais vinculados ao tempo natural do dia e da noite, com encaminhamentos que são feitos no início ou no final da manhã ou da tarde, do que ao tempo do relógio. Este é um tipo de comportamento que é permitido apenas aos que moram próximos uns aos outros e que, além do tempo do relógio e da observação do movimento do sol, também podem se orientar pelo som das caixas na rua detrás, ou quando pipocam os primeiros foguetes, sem terem que transpor as distâncias impostas pela organização da vida urbana.

Nas cerimônias realizadas durante a Festa, é possível perceber como algumas interferências da cidade e de seus processos de urbanização impactam a tradição do Terno Verde e Preto, como por exemplo os problemas referentes à queima de fogos de artifício durante a Alvorada.

Paulo Alves, Dançador do Terno e neto de Osório Alves, comentou que na Festa da João Vaz/2015 seu avô pedira que não soltassem fogos de artifício durante a Alvorada. Sendo um dos responsáveis pela queima de fogos, Paulo afirma que esse procedimento, seguindo a tradição da Festa de Catalão, também é uma tradição da João Vaz e que em outros anos costumava soltar um *treme-terra* (tipo de fogo de artifício com um único tiro) a cada hora, a partir das duas horas da manhã. Segundo ele, os fogos são homenagens para a Santa, e o aviso para os congadeiros, servindo como orientação do tempo, tendo sido utilizado antigamente até mesmo para acordar os Dançadores para a Alvorada. “De alguns

anos pra cá alguns vizinhos reclamaram da solta de fogos durante a Alvorada, e meu avô é um dos alvos dessas reclamações em função da sua liderança na Congada, porque ele é uma referência, então tudo chega nele (Entrevista realizada em setembro/2015)”.

Sobre esse assunto, Wilson Lima, presidente da Irmandade destaca o problema com os fogos como algo que tem comprometido a realização de parte das cerimônias da Festa da João Vaz.

É como nós comentávamos aqui, pra quê que nós estamos fazendo a Alvorada, sendo que nós não podemos fazer nossa manifestação? Antigamente, de primeiro, dizem que lá em Catalão começa às 2h da manhã [a Alvorada], mas lá em Catalão é Catalão né? São 65 ou 70 mil habitantes e dançadores são seis mil e quinhentos. Quando começou, em 1969, eu mesmo tinha oito anos de nascido. Muitas vezes, as tradições nós não devemos podar, nem cortar, principalmente a nossa. Uma tradição dos negros, misturado com o branco, com o índio. Todas as pessoas que nós acolhemos aqui na nossa comunidade. Exclusão nós temos demais..., até nos foguetes, que nós soltávamos muito, hoje em dia estamos sendo cortados (Entrevista realizada em setembro/2015).

Pesquisando a Festa do Rosário de Atibaia-SP, em 1972, Girardelli (1981) menciona a queima de fogos como um procedimento também considerado tradicional naquela comunidade.

Os foguetes marcam o início da alvorada, por volta das cinco horas da manhã, quando os congos (já então nas ruas, porém à paisana) sobem as ruas da cidade em direção à Igreja da Matriz, cantando uma “moda de alvorada”. (...) [após passarem pela Igreja Matriz] chegando à Igreja do Rosário, o fogueteiro, que lá espera pelos congos, solta novamente foguetes, juntamente com o sacristão, que faz badalar o sino. [destaca-se que, conforme já mencionado, ambas as Igrejas encontravam-se fechadas, tendo os rituais sido realizados à sua porta]. (GIRARDELI, 1981, p. 43).

Brandão (1985) também menciona a queima de fogos na Alvorada de Catalão, em 1975, destacando a comoção dos congadeiros presentes na cerimônia. A partir da Festa de Atibaia, percebe-se a ocorrência de um procedimento, muito comum em diversas Festas do Rosário, e que, em Goiânia, tem se apresentado como um problema para a Irmandade. Em todo caso, a queima de fogos continuou presente na Festa da João Vaz e de Catalão nos anos de 2014 e 2015.

Divina Dias, uma das pioneiras da comunidade, explica a existência desse problema na João Vaz em função da mudança no perfil dos moradores. Muitos deles

migraram há pouco tempo de outros Estados. Além disso, segundo ela, tem ocorrido um aumento na quantidade de evangélicos na Vila. Segundo Divida Dias, essas pessoas desconhecem a Festa e muitas vezes são até contrárias à realização da mesma alegando vinculação à feitiçaria e à adoração de santos.

Essas pessoas reclamam por serem acordadas pelos foguetes na madrugada da Alvorada, ficando cansadas durante o dia de trabalho. Mas elas também se incomodam com o barulho e o movimento dos Ternos, mesmo durante o dia. “Isso é falta de fazer uma divulgação pra explicar pra eles como é a Festa, e que a gente faz isso há muito tempo” (Entrevista realizada em setembro/2015).

Compreendendo como são valorizados os processos de inovação, individualização e rompimento dos vínculos com o passado, no espaço urbano percebe-se que as relações sociais tendem a fragilizar-se, proporcionando um processo de aguda presentificação do tempo e de um “descolamento” de referências, tradições e memórias que acabam se fazendo presentes na vida social de forma pulverizada e descontextualizada, como obras de arte, em alguns casos, com apelo apenas comercial (FERNANDES, 2006). O ‘valor’ orientado por uma noção exclusivamente financeira se configura como uma manifestação simbólica da vida urbana.

Fernandes (2006) comenta sobre os processos de colonização do tempo, acarretados pela modernidade nos processos de urbanização nas cidades que impactam a cultura dos grupos sociais. O primeiro deles se vincula à racionalização do tempo, dos minutos e horas do dia, frente a uma jornada diária assoberbada entre vida profissional e a vida pessoal no núcleo familiar, sobrando pouco tempo para os momentos vividos em comunidade. O segundo diz respeito aos aspectos referentes às relações comerciais estabelecidas frente aos bens culturais. Esses dois dilemas também acometem a Festa da João Vaz, pois influenciam, por exemplo, a participação dos membros da Irmandade nas novenas, tanto àquelas realizadas antes da Festa (de janeiro a setembro), quanto à novena realizada durante a Festa.

Por um lado, o dia a dia atribulado por uma jornada de trabalho extenuante, além de preocupações de caráter individual e familiar, comprometem a participação de alguns dançadores durante alguns momentos da Festa. Alguns deles afirmam que não participam da Novena realizada durante o ano, ou dos ensaios do Terno, ou em algum outro

momento da Festa por incompatibilidades de horários no trabalho e na vida familiar. Apesar de participar de algumas rezas do terço realizadas na Novena durante o ano, Cidinho, um dos Dançadores do Verde e Preto, justifica suas ausências afirmando que “tem dia que a gente chega cansado do trabalho, aí quer ficar mais quieto, ficar mais próximo da família em casa” (Entrevista realizada em setembro/2014). Sobre esta questão, outros Dançadores do Terno também comentaram sobre as suas ausências em função de outros compromissos geralmente relacionados a questões de trabalho e/ou familiares.

Neste sentido, é possível perceber como o tipo de organização da vida urbana impacta este tipo de manifestação. A vida submetida à escala de produção da cidade exige a padronização do tempo. Existe o tempo do trabalho e o tempo do descanso. E este último encontra-se completamente condicionado pelo próprio trabalho, como um tempo necessário para recarregar as forças para a próxima extenuante jornada diária. O que os fogos de artifício têm incomodado é essa exigência e normatização do tempo da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas manifestações da cultura popular, apesar dos novos agenciamentos que se efetivam na cidade, fazem permanecer fundamentos que vinculam seus participantes a experiências que podem destoar do quadro comum dos sistemas simbólicos que se efetivam no urbano. Trata-se de outros tipos de sociabilidade, conforme foi observado nos rituais da Festa da Vila João Vaz.

A demora dos ritos, o alongamento reiterado dos gestos, para que todos vejam, para que todos saibam. Um presente alongado em excesso através do poder singelo e tão sugestivo do ritual solidário rememora um às vezes breve acontecimento piedosamente religioso do passado. E não tanto a memória fiel do que se lembra, mas também a arte generosa, criada pelos ancestrais ou pelos próprios atores que a vivem aqui e agora, e tão diferenciadamente partilhada. E não apenas a crença devota em nome da qual algo é celebrado longe dos olhos canônicos do padre, mas a emoção de se sentir que se está convivendo “isso aqui”, junto a outros iguais ou diferentes, de uma maneira concentrada, efêmera e densa, cria enlaces de sentimentos de uma grande força humana (BRANDÃO, 2004, p. 28-29).

Ao refletir sobre as relações entre tradição e modernidade, Canclini (2013) entende que as tradições não serão apagadas pelos processos de modernização das sociedades, operados também pela industrialização dos bens simbólicos. O autor defende a ideia de que a modernidade “redimensiona a arte e o folclore, o saber acadêmico e a cultura industrializada, sob condições relativamente semelhantes (CANCLINI, 2013, p. 22)”. Quanto a esses processos de permanências, transformações e até possíveis desaparecimentos de tradições populares – aqui tratados como saberes peculiares às formas de pensamentos fundamentadas na oralidade; no ensino a partir da experiência ritualística como vivência do sagrado e do profano; na sociabilidade mediada pela afetividade e solidariedade; pelas relações baseadas no parentesco, no vicinato e no compartilhamento da mesma religiosidade –, quanto menos coletivo o caráter das manifestações, mais sujeitas ao desaparecimento ou até mesmo total transformação de suas tradições estas podem estar sujeitas.

Assim, apesar do entendimento de Canclini (2013), que comenta sobre o equívoco em se preocupar mais com o que pode desaparecer do que com o que se transforma, importa ressaltar que saberes e técnicas bastante específicas, por exemplo, a construção de instrumentos utilizados apenas em algumas manifestações da cultura, alijadas dos fluxos da modernidade – como o ‘tambor de onça’ ou a ‘caixa’, utilizadas na Sussa, manifestação presente em algumas comunidades do nordeste goiano – podem sucumbir ao desaparecimento por não terem se tornando economicamente potenciais, conforme as necessidades da sociedade moderna. Este é um sentimento que ronda a Festa da João Vaz, e que foi percebido nas falas de alguns congadeiros.

Diante da fragilização dos elementos necessários para a vitalidade da cultura popular, como a solidariedade e a participação comunitária, e frente às dicotomizações entre as noções de tempo “real” e “mítico”, assim como, “novo” e “antigo”, tal como operam no urbano, as culturas caipiras acostumadas às redes de solidariedades provenientes de antigos modos de vida rural, gradativamente, têm desarticulado as relações de bairro tornando-se atomizadas a seus próprios núcleos familiares (CANDIDO, 2013). As soluções para tais problemas, no mundo moderno, têm apontado para armadilhas como a

busca de estratégias de caráter econômico que intencionam tornar as manifestações da cultura popular, economicamente sustentáveis, e submetidas à lógica do consumo.

Apesar de existirem problemas de ordem econômica, que interferem nas tradições na Festa da João Vaz e no Terno de Congo Verde e Preto, por exemplo, a dificuldade em angariar recursos para a estrutura da Festa e para alimentação aos participantes, as estratégias desta comunidade, frente aos processos de urbanização, não são de caráter financeiro, não possuem como norte a orientação através de uma escala de valores fundamentada em referências monetárias, demonstrando sua resistência às transformações exigidas no urbano. Contrariando alguns fluxos da modernidade, esta comunidade tem se mantido e fortalecido com elementos que valorizam mais o sensível, o comunitário e o particular do que a objetividade, o individualismo e a homogeneidade por serem aspectos ressaltados a partir dos processos de modernização e urbanização das cidades e as culturas que nelas se manifestam.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. A cidade como construção moderna: um ensaio a respeito de sua relação com a saúde e as "qualidades de vida". In: *Saúde e Sociedade* 8(1): 17-30. São Paulo: USP, 1999. <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v8n1/03.pdf>

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 8ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. (Obras escolhidas, v. 3). Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Alfredo. Cultura e Culturas Brasileiras. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do santo de preto*. Funarte/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CERTEAU, Michel (Org.). *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Trad. Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FERNANDES, Ana. Cidades e cultura: rompimento e promessa. In: JEUDY, Henri Pierre & JACQUES, Paola Berenstein. (Orgs.). *Corpos e cenários urbanos: territórios e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA; PPG-FAUFBA, 2006.

GIRARDELI, Élsie da Costa. *Ternos de congos: Atibaia*. Rio de Janeiro, MEC-SEC-FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981.

GOMES, L. P; CHAUL, N. F; BARBOSA, J. C. *História Política de Catalão*. Goiânia: Ed. UFG, 1994.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

